

“Nosso modo de vida é fazer aliados”: “Bugônia”, de Daniel Galera, e a ficção especulativa como imaginação política no Antropoceno

Marina Pereira Penteado (FURG)¹

Jeff VanderMeer, em um texto para a *Esquire* de abril de 2023, comenta sobre a ficção estar mudando junto com o mundo e sobre as crises, mais especificamente a climática, ter começado a permear todas as formas de arte (VANDERMEER, 2023, p. s/p)². Na literatura, até um novo nome para o fenômeno foi cunhado: ficção climática – ou *cli-fi* –, e a literatura brasileira contemporânea tem produzido um grande número de obras que se enquadram na definição. Desde 2016, com a publicação de *Meia-noite e vinte*, Daniel Galera é um dos autores que tem se engajado a escrever esse tipo de narrativa. O romance, que ainda segue a tradição realista predominante na literatura brasileira, gira em torno de três personagens que cresceram em meio ao início da popularização da internet e se viram presas entre promessas não cumpridas e anseios apocalípticos. Discussão última essa que será aprofundada em *Deus das avencas*, romance de 2021, composto por três novelas de estilos diferentes que também giram em torno de medos apocalípticos.

Para a discussão que pretendo fazer hoje, escolhi a última novela de *Deus das avencas*, intitulada “Bugônia”, como objeto de análise, e essa escolha é pautada na minha tentativa de compreender a aparente guinada na literatura brasileira para a ficção especulativa que lida com a crise climática e as potencialidades que esse tipo de narrativa tem de nos oferecer outras formas de pensar e habitar o Antropoceno – termo que, embora ainda não oficializado, já é amplamente utilizado por cientistas para nomear a nova época geológica que marcaria este momento no qual as atividades humanas teriam sido tão intensas a ponto de influir diretamente na natureza. Assim como outras narrativas do mesmo período, como *A morte e o meteoro* (2019), de Joca Terron, *Cidades afundam em dias normais* (2020), de Aline Valek, e *A extinção das abelhas* (2021), de Natália Borges Polezzo, para citar apenas algumas, a novela “Bugônia”

¹ Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense e mestre em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente é professora adjunta de Estudos Literários da Universidade Federal do Rio Grande.

² Cf: “(...) in this moment, cocooned uncomfortably within climate crisis, as if trapped within a porcupine turned inside out, the issue is not speculative. It permeates everything and everyone, even those who have not recognized it yet. Poetry, contemporary realist fiction, interdisciplinary art installations—any creative form, in any mode, can (and sometimes should) engage with the climate crisis, even if it’s just a persistent hum in the backdrop, like a misfiring bank of fluorescent lights”.

parece se inserir nesta tendência crescente no país de ficções que não apenas falam das mudanças climáticas antropogênicas, mas que fazem isso se utilizando da ficção especulativa, gênero que por muito tempo era visto como uma literatura de nicho, além de ser geralmente ignorada pela crítica e pela academia.

André Araújo, em um artigo chamado “Quando o familiar se tornou um alienígena? Sobre Antropoceno e ficção”³ (2023) sugere que a crise ambiental parece transformar o planeta em algo estranho e cada vez mais hostil e as narrativas, como as que são articuladas a partir do conceito de Antropoceno, parecem especialmente potentes na tentativa de compreender e registrar a nossa experiência “diante da perspectiva, cada vez mais realista e aterradora, da nossa extinção coletiva” (ARAÚJO, 2023, p. s/p). Como o autor comenta, parafraseando Eileen Crist, existe uma pobreza na nomenclatura do Antropoceno, que “esconde e naturaliza as dinâmicas que foram de fato responsáveis pela inauguração do regime” (ARAÚJO, 2023, p. s/p). E é aí que o discurso do Antropoceno deixa de ser apenas científico e se torna um “objeto de disputa de narrativas distintas” (ARAÚJO, 2023, p. s/p), segundo Araújo, e nos deparamos, então, com as disputas acerca da própria nomenclatura, que vai trazer entre as mais famosas o conceito Chthuluceno, de Donna Haraway – que não coincidentemente vai chamar a ficção especulativa para o debate com os seus vários *SFs* desenvolvidos ao longo de sua reflexão em *Staying with the Trouble* (2016). O termo, que é uma sigla para ficção científica em inglês, é também “fabulação especulativa”, “feminismo especulativo”, “fato científico”, “até então” ou “por enquanto” (“*so far*”, em inglês) e o que ela se refere como “*string figures*”, que poderia ser traduzido como “cama de gato”. Como Haraway afirma: “[i]mportam quais mundos mundeiam mundos. Importam quais histórias contam histórias”⁴ (HARAWAY, 2016, p. 35). E a ficção especulativa parece ser um espaço prolífico para pensarmos sobre isso. Retornando para o artigo de Araújo, o mais interessante que ele propõe em sua análise, no entanto, é como essa transformação do planeta que conhecíamos para um planeta estranho parece ser um dos motivos para o interesse crescente que notamos da literatura brasileira com a ficção especulativa, afinal, como ele observa, começamos mesmo a nos questionar “em relação ao que costumávamos chamar de realidade” (ARAÚJO, 2023, p. s/p), uma vez que a crise climática não é mais para o futuro, mas já é a nossa realidade presente.

Se o que se convencionou a chamar de ficção climática é mais um tópico do que um gênero específico, uma vez que ela pode englobar diferentes tipos de narrativas – das realistas

³ Disponível em: <<http://www.suplementope.com.br/capa/3074-quando-o-familiar-se-tornou-um-alien%C3%ADgena.html>>. Acesso 6 jul. 2023.

⁴ Tradução minha: “[i]t matters what worlds world worlds. It matters what stories tell stories”.

às mais diversas formas de ficção especulativa, como já havia notado Adeline Johns-Putra (2016, p. 3)⁵ –, a literatura brasileira contemporânea que trata da crise climática parece estar interessada em investir nas narrativas especulativas e nas que desafiam os limites do realismo. E aqui voltamos para “Bugônia”, de Daniel Galera.

A novela é situada em um futuro devastado por uma crise ambiental e lida com as relações humanas e não humanas enquanto acompanha um grupo de sobreviventes, chamado de “Organismo”, que vive em uma aparente simbiose com colmeias de abelhas que se alimentam de cadáveres e, por conseguinte, produzem um composto chamado de “necromel”, capaz de imunizar os humanos da comunidade das doenças que exterminam o restante da população. Através de uma aparente harmonia que existe no sistema da “Organização”, possível devido a aliança de cooperação mútua entre as espécies, “Bugônia” parece indicar que no Antropoceno, as narrativas de excepcionalismo e individualismo já não nos servem mais. Para sobrevivermos, é necessário criarmos novas histórias que nos falem de alianças e recuperações parciais. É necessário pensarmos em ferramentas para lidar – ou para permanecermos – com o problema, como diria Donna Haraway.

No artigo “Ciencia ficción latinoamericana: disidentes zombis y extraterrestres en la Amazonía” (2023), Emily Hart fala de uma avalanche de ficção científica na América Latina como um todo e traz a fala de um editor de Bogotá, Rodrigo Bastidas, que comenta que, na América Latina, costumava-se dizer que não pensávamos no futuro porque estávamos preocupados demais sobrevivendo o presente (HART, 2023, p. s/p)⁶, motivo pelo qual muito da nossa literatura tenha seguido uma tradição realista, com uma necessidade documental até. No entanto, na matéria, Bastidas comenta que estamos, finalmente, nos dando conta de que o futuro “não é algo que necessariamente pegamos a partir da imposição de outros (...) podemos nos apropriar do futuro e construir nossas próprias formas do porvir (...) nós mesmo podemos construí-lo”⁷ (HART, 2023, p. s/p). “Bugônia”, neste sentido, faz o movimento observado por Bastidas, nos apresentando uma reflexão sobre possibilidades de vida nas ruínas do Antropoceno.

⁵ Cf: “It is probably more accurate to identify climate change as a topic found in many genres, for example, science fiction, dystopia (themselves two genres given to much cross-fertilization), fantasy, thriller, even romance, as well as fiction that is not easily identifiable with a given genre, for example, the social or psychological character studies favored by mainstream authors such as Maggie Gee, Barbara Kingsolver, and Ian McEwan. In other words, climate change fiction names an important new category of contemporary literature and a remarkable recent literary and publishing phenomenon, although it is not necessarily a genre.”

⁶ Cf: “La gente me ha dicho que no tienen tiempo de pensar en el futuro porque están demasiado ocupados sobreviviendo en el presente”

⁷ Tradução minha: “(...) no es algo que necesariamente tomamos a partir de la imposición de otros (...) [p]odemos apropiarnos del futuro y construir nuestras propias formas del porvenir (...) [n]osotros mismos podemos construirlo”.

A obra se passa no que parece ser os arredores de uma Porto Alegre do futuro⁸, “mergulhada na água e quase só ruína” (GALERA, 2021, p. 172), com rios poluídos⁹ e atormentada por uma caravana de carvoeiros que busca eliminar os humanos. Neste lugar, encontramos um grupo de pessoas que vive em certa harmonia, embora com um conflito interno latente. De um lado, temos na comunidade o pensamento da matriarca, chamada de a Velha, que defende a manutenção de alianças entre humanos e não humanos e acredita que o passado deva ser deixado para trás, uma vez que “um humano não deve ser nada além do que vai se tornar no instante seguinte” (GALERA, 2021, p. 177). Do outro lado, temos Alfredo, que “diz que sem lembranças não saberemos evitar os erros e tentações que conduziram às catástrofes” (GALERA, 2021, p. 177), defendendo a manutenção da memória e do conhecimento do passado. Conflito que é intensificado com a chegada de um astronauta ferido que cai com sua nave próximo ao local onde o Organismo se encontrava. No entanto, como nos indica Donna Haraway, permanecer com o problema é pensar sobre as contradições complexas e densas do nosso presente (HARAWAY, 2016, p.1) e isso implica mesmo a existência de conflitos, como os que aparecem no Organismo.

A queda do astronauta é o evento que intensifica a divisão do grupo entre seguir o que a Velha pregava ou o que Alfredo defendia. Com o acidente, descobrimos que alguns tiveram recursos para abandonar o planeta, até que a situação no espaço acabou se tornando pior do que na Terra. Parte do grupo, sabendo deste passado e tendo como porta voz Alfredo, vê o astronauta como um “traidor da humanidade”, e afirma “que humanos como ele provocaram as catástrofes das quais depois escaparam” (GALERA, 2021, p. 235). Conhecimento que irá influenciar na forma como a comunidade vai tratar esse homem que invade o espaço deles e fará com que a protagonista, Chama, comece a temer que o Organismo esqueça os ensinamentos da Velha e traga de volta violências “que nada têm a ver com sobreviver” (GALERA, 2021, pp. 203).

Chama é uma menina que cresceu no Organismo e desde cedo descobriu que a resposta para sobreviver à crise está nas alianças e na comunidade – que a criou como filha de todos. Chama foi, inclusive, amamentada por várias mulheres do Organismo. E ela é a única que parece ter o poder de manter a comunidade viva após o incidente, que desencadeia o sumiço das abelhas que produziam o necromel. Percebendo que “a aura de ameaça inocente que paira

⁸ A indicação da cidade não é explícita, mas podemos deduzir que talvez seja Porto Alegre pela referência a rede de supermercados Zaffari, que possui diversas lojas na cidade e tem como símbolo um esquilo. No romance, quando o líder dos carvoeiros nos é apresentado, Esquilo, é sugerido por um dos personagens que o nome dele pode fazer referência ao animal esquilo, que embora não seja típico da região do Organismo, talvez tenha tido alguma relevância no passado, uma vez que um dos personagens havia encontrado “uma sacola de plástico muito velha que tinha um desenho de um esquilo” (Galera, 2021, p. 172), fazendo uma alusão a sacola do supermercado.

⁹ Cf: “as abelhas morriam de venenos espalhados nos campos e cursos d’água” (Galera, 2021, p. 178).

em torno dos meninos do Organismo” (GALERA, 2021, p. 204), que torturam animais, pode ser perigosamente despertada, ela tenta evitar a catástrofe quando Alfredo começa a ganhar poder com um discurso de “sacrifício” do homem recém chegado, baseado nos livros antigos que diziam que “desde a mais remota antiguidade (...) a morte é provocada em oferendas para ativar os ciclos de renovação e fertilidade” (GALERA, 2021, p. 222). Chama percebe que essa solução simples pautada na violência poderá desencadear eventos mais sombrios para todos, pois, como ela havia aprendido com a Velha, “sempre que as coisas se tornam simples há violência desmedida e aniquilação do que é diferente” (GALERA, 2021, p. 183). E a solução encontrada nos livros do passado parece fácil demais para um presente tão denso como o dos personagens.

A disputa entre esses dois lados, representados pela Velha e por Alfredo, na qual Alfredo, em um primeiro momento, vence ao conseguir o seu sacrifício humano, logo mostra que ambos, de certa maneira, estão equivocados. Nem o passado é útil para construir um novo mundo nas ruínas do Antropoceno, uma vez que em momentos de crise a resposta acaba caindo em uma forma de violência já conhecida; tampouco ignorar esse passado completamente se torna útil, já que, como nota Chama “sem resíduo algum de passado o presente não consegue nascer” (GALERA, 2021, p. 223). É necessário algo novo, que na narrativa vem com a protagonista, que é quem consegue estabelecer uma nova aliança com as abelhas, um “arranjo novo que aparenta dizer respeito somente a ela mesma, algo para o qual o Organismo não está preparado” (GALERA, 2021, p. 221), nos avisa o narrador.

Após ser punida pelos companheiros por tentar ajudar o astronauta, ela retorna guiada pelas abelhas, tomando o lugar de líder e alertando que “haverá memória, mas só a partir de agora” e avisa que “precisará de todos os outros porque humanos precisam dos corpos e pensamentos uns dos outros para vicejar” (GALERA, 2021, p. 246). Chama sabe que a aliança do Organismo e das abelhas é mútua, elas também dependem deles para sobreviver. Mesmo as bactérias que alimentam as abelhas e matam os humanos, na comunidade, como avisa um dos personagens, “não estão em nós (...) estão conosco” (GALERA, 2021, p. 196), mostrando a cama de gato de alianças que são necessárias para permanecermos vivos. A discussão que surge na narrativa ressoa a ideia de Haraway, de “fazer parentes em termos de conexão inventiva, como práticas para aprendermos a viver e morrer bem uns com os outros em um presente denso” (HARAWAY, 2016, p. 1)¹⁰. E “Bugônia” nos indica que não se trata de recuperar o que foi

¹⁰ Tradução minha: “*make kin in lines of inventive connection as a practice of learning to live and die well with each other in a thick present*”.

perdido, mas fazer o possível com o que nos restou, fala de “modestas possibilidades de recuperação parcial”¹¹ (HARAWAY, 2016, p. 10), usando as palavras de Haraway.

A novela de Galera, desta forma, faz o que Haraway chama também de “*sf mode*”, inspirada no trabalho de Joshua/Sha LaBare (2010), que argumenta que a ficção científica não seria fundamentalmente um gênero literário, mas sim um modo de atenção. Para LaBare, a ficção científica “oferece uma forma de focar a atenção, de imaginar e criar alternativas para o mundo”¹². (LABARE, *apud* HARAWAY, 2016, p. 213). E “Bugônia” nos apresenta fabulações especulativas que nos indicam a necessidade de deixarmos para traz os discursos de excepcionalismo para que consigamos pensar em termos de companheirismo, de ver outras espécies como companheiras, a fim de tecer condições para florescermos no aqui e agora.

A ficção, de fato, está mudando junto com o mundo, como havia notado Jeff VanderMeer no seu artigo da *Esquire*, e o fato de o mundo ter se transformado em um lugar estranho e hostil com a crise, parece nos fazer perceber que o futuro já está aqui. Talvez essa mudança de perspectiva explique um pouco o aumento do interesse na ficção especulativa que trata da crise climática no Brasil nos últimos anos, talvez a nossa própria história e tradição literária explique. O mais interesse, no entanto, é perceber como essas imaginações e fabulações que criam mundos e novas possibilidades de vida nas ruínas do Antropoceno são potentes para a nossa imaginação política. Talvez elas possam nos ajudar a pensar a crise e a necessidade de fazermos aliados se quisermos viver e morrer melhor no presente.

¹¹ Tradução minha: “(...) *modest possibilities of partial recuperation*”.

¹² Tradução nossa. No original: “*What I call the 'sf' mode offers one way of focusing that attention, of imagining and designing alternatives to the world*”.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, André. “Quando o familiar se tornou um alienígena? Sobre Antropoceno e ficção”. *Suplemento Pernambuco*. Edição n° 206. Abril de 2023. Disponível em: <<http://www.suplementope.com.br/capa/3074-quando-o-familiar-se-tornou-um-alien%C3%ADgena.html>>. Acesso em: 8 jul. 2023.

GALERA, Daniel. *Meia-noite e vinte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GALERA, Daniel. *O deus das avencas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: Making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke UP, 2016.

HART, Emily. “Ciencia ficción latino-americana: dissidentes zombis y extraterrestres em la Amazonía”. *The New York Times*. Junho de 2023. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/es/2023/06/10/espanol/ciencia-ficcion-latinoamericana-autores.html?smid=wa-share>> Acesso em: 8 jul. 2023.

JOHNS-PUTRA, Adeline (2016) “Climate change in literature and literary studies: From cli-fi, climate change theater and ecopoetry to ecocriticism and climate change criticism”. *Wiley Interdisciplinary reviews: Climate Change*. Março de 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/28636625/Climate_change_in_literature_and_literary_studies_From_cli-fi_climate_change_theater_and_ecopoetry_to_ecocriticism_and_climate_change_criticism>. Acesso em: 31 jul. 2023.

LABARE, Joshua (Sha). *Farfetchings: On and in the sf Mode*. PhD diss., History of Consciousness Department, University of California at Santa Cruz, 2010.

POLESSO, Natalia Borges. *A extinção das abelhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

TERRON, Joca. *A morte e o meteoro*. São Paulo: Todavia, 2019.

VALEK, Aline. *Cidades afundam em dias normais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

VANDERMEER, Jeff. “Climate Fiction Won’t Save Us”. *Esquire*. Abril de 2023. Disponível em: < <https://www.esquire.com/entertainment/books/a43541988/climate-fiction-wont-save-us/>>. Acesso em: 8 jul. 2023.